

## **Anticolonialismo, Literatura e Imprensa em Moçambique.**

JOSILENE SILVA CAMPOS<sup>1</sup>

A estruturação do sistema colonial na África se baseou em três princípios básicos que, segundo Arendt (2006), são: o expansionismo, que além do aspecto econômico comporta o desejo político de permanente expansão e domínio territorial; a burocracia colonial, que cria um poder político nos territórios colonizados, usando da força da polícia e do exército para manter o poder e assegurar a supremacia da metrópole; e o racismo, usado como instrumento ideológico para justificar a dominação colonial, ou seja, a superioridade racial dos brancos permitiria os abusos e as violências cometidas na colonização. O mundo colonial é um mundo compartimentado, os vínculos estabelecidos são de ordem fragmentada, desigual e violenta.

O descontentamento das populações submetidas ao colonialismo se manifestou em diversas formas de resistência, dentre as quais: táticas de guerrilha, banditismo social, guerras abertas, movimentos messiânicos, ataques às sedes coloniais, movimentos de reafirmação cultural, greves, além das resistências cotidianas que também foram cruciais (HERNANDEZ, 1999:47). Uma importante força de contestação (no sentido de organização política) era formada pelos trabalhadores urbanos, que se reuniam em associações, sindicatos ou simples grupos coletivos, que executavam a sabotagem de máquinas e promoviam paralisações, reivindicavam melhores condições de trabalho e denunciavam a exploração colonial.

Muitas formas de resistências ao colonialismo tiveram a importante contribuição política do Pan-africanismo e da Negritude, ambos influenciaram, de diferentes formas, o despertar da consciência revolucionária anticolonial na África. Zeferino Capoco (2013) entende o Pan-africanismo como eminentemente político, que propunha uma união, uma luta em favor do povo negro contra o colonialismo e o imperialismo. Esse pensamento mostrou-se estrutural para a formulação de um pensamento independentista, de acordo com Nascimento, “a lutas pela independência se fizeram com a inspiração de lemas do pan-africanismo” (2013:39). Por outro lado, a Negritude apelava para uma emancipação cultural que formaria uma identidade e “autenticidade” cultural próprias dos africanos, que se manifestariam, dentre

---

<sup>1</sup> \* Universidade Estadual de Goiás; Doutoranda em História Social pela USP.

outros, nos espaços literários. Denunciou o pensamento eurocêntrico e criou um sentimento de posituação da cultura negra. Apesar de trajetórias e aspirações diferentes, os dois movimentos vieram confluír na ideia da libertação político-cultural dos povos africanos e foram fundamentais na construção do pensamento político do nacionalismo revolucionário.

Em Moçambique não foi diferente, essas formas de contestação também pode ser mapeada em diversos lugares e diferenciados momentos. O peso político desses movimentos se torna ainda mais efusivos a partir da década de 1940, com o fim da segunda guerra mundial e quando os movimentos de independência, que se espalharam pela África, repercutem nos territórios controlados por Portugal. Nos maiores centros urbanos toma força organizações políticas e culturais, com grande participação da juventude, que tinham como objetivo refletir a situação colonial e pensar alternativas para as mudanças na sociedade, gestando um forte nacionalismo anticolonial. O fortalecimento dessas organizações deve-se a uma maior maturidade e autorreflexão da história colonial, mas, sobretudo, “pelo agravamento constante da segregação e da violência colonialista, que faz com que as novas gerações do pós-guerra fossem estruturando um pensamento nacionalista” (CABAÇO, 2007:390).

A lógica colonialista incorporou o discurso da diferença e inferioridade para justificar as suas ações no Continente Africano. A presença européia seria uma “ajuda” para que os povos africanos superassem seus “atrasos”. O modo de viver europeu era concebido como um espelho, um modelo a ser seguido no caminho da evolução humana. A única forma de se integrar aos quadros civilizados da humanidade seria a cópia, a imitação de hábitos e costumes ocidentais. Tudo aquilo que foi enquadrado fora dos padrões europeus foi considerado primitivo e bárbaro, ou seja, as formas de organização familiar, social e política, as religiosidades, rituais, alimentação, dentre outros. Para Fanon (2005), um dos artifícios usados pelo colonizador na sua tarefa de subjugação foi a desvalorização dos sujeitos e do passado dos colonizados.

[...] o colonialismo não se contenta com impor a sua lei ao presente e ao futuro do dominado. O colonialismo não se contenta com encerrar o povo nas suas redes, com esvaziar a cabeça do colonizado de qualquer forma e de qualquer conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, orienta-se para o passado do povo oprimido, distorce-o, desfigura-o, e aniquila-o. Essa empresa de desvalorização da história anterior à colonização assume hoje o seu significado dialético (FANON, 2005: 244).

A luta contra a dominação estrangeira e pela afirmação de uma identidade nacional efetuada pela literatura passa necessariamente pela retomada das referências do passado. Os intelectuais dos países sob o jugo do colonialismo europeu buscaram formas de combater a imagem estereotipada em que eram representados. A descaracterização da imagem forjada pelo opressor se dá por intermédio de uma “recuperação” e valorização da história que fora negada, distorcida, inventada pelo colonizador. Voltar ao passado se transforma em experiência de renovação. A partir dessas estratégias são lançadas as bases para uma literatura afinada com o projeto de libertação. Para Manoel Ferreira (1987), o texto literário africano nega a legitimidade do colonialismo e faz da revelação e da valorização do universo africano sua raiz primordial.

Para construir uma identidade diferente da atribuída pelo colonizador é necessário uma incursão ao passado. Ao criar um sentimento nacionalista, de identificação nacional requer, obrigatoriamente, livrar-se da negatividade imposta pelo colonizador e fundar bases que afirmem a aspiração da construção de um país independente ou de uma nação consolidada. Esse exercício quase sempre se faz pela criação de mitos fundadores, invenção de tradições, criação de heróis, elevação do passado e valorização da cultura. De acordo com Hamilton, (re)escrever e (re)mitificar o passado é, de certo modo, “uma estratégia estético-ideológica que tem em vista protestar contra as distorções, mistificações e exotismos executados pelos inventores colonialistas da África” (1999:18).

Nessa medida, a literatura moçambicana surge como um importante instrumento de resistência à exploração portuguesa, e uma das estratégias usadas nessa prática é a valorização da cultura local. A busca pelo orgulho do passado realizado pelos artistas não se dá unicamente em níveis nacionais, as glórias que são exaltadas são de todos os povos do continente que estão engajados na luta contra o imperialismo. Essa atitude revela um sentimento de solidariedade e cumplicidade que une todos em torno de uma experiência e de um objetivo em comum: o colonialismo e a liberdade. Gesta-se entre as letras poéticas um nacionalismo anticolonialista.

Ao longo do tempo, a partir do cruzamento das diferentes forças históricas, Moçambique experimentou diversas formas de nacionalismo. Os nacionalismos são produtos

culturais específicos que remontam a algum tipo de pertencimento e/ou experiência, não são monolíticos, mas sim, condicionados pelas variações sócio-histórico-culturais de cada povo/região. Existem os nacionalismos nativistas, os nacionalismos anticoloniais, os nacionalismos independentistas e tantos outros. De acordo com Nascimento, ao refletir sobre a África “o nacionalismo é uma síntese de noções e de sentimentos referida à agregação de vários grupos numa “comunidade”, a qual pode aparecer como “natural” ou historicamente sedimentada, conquanto em África frequentemente surja em construção.” (2013:13).

Para a construção e consolidação desse nacionalismo, foram necessários diversos elementos fundamentais. Anderson (2008) sublinha alguns deles como os jornais e a literatura. Os dois configuram-se como essenciais na criação, substancialização e circulação das ideias, funcionando como aparatos ideológicos para a disseminação e difusão do sentimento de integração e pertença entre os indivíduos, a uma “comunidade imaginada”. Ambos serão portadores, instrumentos de um pensamento libertador que coloca em evidência e dessacraliza o mundo colonial. As ideias refletidas no que se escreve cria uma atmosfera de utopia de uma nação que está a nascer.

Francisco Noa ao considerar a realidade de Moçambique no que tange ao desempenho da imprensa na construção do nacionalismo, afirma que a mesma foi de fundamental relevância por “ter funcionado como o grupo de pressão mais importante antes da independência” (2008:36). Em consonância com esse pensamento Leila Hernandez também pontua o papel fundamental da imprensa como meio privilegiado de transmissão de idéias. Segunda a autora, a imprensa,

Tem o papel de unir as pessoas, estabelecendo relações de solidariedade com os leitores, ao apresentar problemas que lhes dizem respeito de forma mais ou menos direta. Por outro lado, deve-se considerar também o papel que a imprensa ocupa ao reforçar o vínculo entre intelectuais de diferentes doutrinas produzidas na Europa Ocidental. (HERNANDEZ, 2002:127).

A imprensa “representa a mola mestra na formação do primeiro reduto capaz de criar uma atmosfera capaz de romper o silêncio imposto pela máquina colonial” (OLIVEIRA, 2008:27). Junto com a imprensa, especialmente os jornais e as revistas, vai se formar um importante grupo que terá o papel primordial de dar vazão a um desejo de liberdade. Para Mia Couto na primeira metade do século XX, “nascia em Moçambique uma corrente de intelectuais ocupados em procurar a moçambicanidade. Já era, então, clara a necessidade de

ruptura com Portugal e os modelos europeus.” (COUTO, 2005:104). Esse “nascimento de um grupo de intelectuais” defendido por Mia Couto coincidiu com o momento da sistematização da literatura moçambicana, segundo Ana Mafalda Leite, “é de fato na década de 1940 que começam a despertar as primeiras vozes poéticas de Moçambique.” (2006:139).

Vale destacar que a imprensa em Moçambique inicia-se quando da instalação do *Boletim Oficial* em 1854. Contudo, é somente em 1908, que os irmãos José e João Albasini vão fundar o seu próprio jornal, intitulado *O Africano*. A finalidade era atender aos interesses do grupo e da população negra contra as formas de opressão e discriminação. Sobre este Jornal, Mario Pinto de Andrade explica que o mesmo “[...] coloca-se numa posição de combate, enquanto unificador dos interesses dos diversos segmentos sociais opostos ao poder” (1997:108). O jornal irá exercer uma “ação constante de luta, denúncia e crítica da ação colonial” (ZAMPARONI, 1988:79). O periódico foi vendido ao padre José Vicente do Sacramento, e teve sua linha editorial alterada. Posteriormente os irmãos Albasini vão fundar em 1919 o Jornal *O Brado Africano*.

*O Brado Africano* foi considerado o jornal onde os principais escritores de Moçambique começaram a publicar seus textos. De acordo com Ilídio Rocha, “este periódico dirigia-se, claramente, à população mestiça alfabetizada e aos poucos negros que soubessem ler ou brancos que se interessassem por suas informações e polêmicas” (2000:120). Maria Aparecida Satilli argumenta que o jornal *O Brado Africano* é um dos que se destaca por seu importante papel em difundir uma poesia de cunho contestatório. Caberia então ao periódico, principalmente a partir de seu suplemento *O Brado Literário* receber a produção de importantes escritores, “onde começam as manifestações nacionalistas, suporte da resistência cultural e dos ideais de independência política que se expandiram progressivamente até a luta de libertação nacional”. (SANTILLI, 1985: 28).

Gilberto Matusse (1997), afirma que a literatura moçambicana faz uso da imprensa como instrumento de divulgação de sua produção, escrita em língua portuguesa nasce dos círculos da cultura assimilada, dentro de um processo de divulgação letrada, que, de forma sistemática, tem seu auge em meados do século XX. Alinhando-se a esse pensamento temos Macêdo e Maquêa, que reforçam a ideia de vinculação da imprensa com as produções literárias, afirmam que ‘os periódicos foram os primeiros veículos em que os textos produzidos pelos africanos [...] seriam estampados’ (2007:12). A imprensa se configurou um

meio privilegiado de divulgação do pensamento de contestação. A imprensa, a literatura e a reivindicação da independência frente a Portugal caminham juntos. Para Spinuzza, “esta organização local da literatura acontece em Moçambique com a atividade de jornais e de revistas literárias: é o caso, por exemplo, de *Itinerário* (1941-55), *Msaho* (1952) e *d’O Brado Africano*”. (SPINUZZA, 2013:89).

A importância dessa literatura reside no fato dela ser uma das primeiras expressões sistematizadas, a nível nacional, contrária ao colonialismo e que gera um discurso fundador alinhado com o anticolonialismo e com o ideal de independência. Conforme apresenta Leite, “a nacionalidade literária precede normalmente a nacionalidade política” (2008:49), essa produção literária funda um discurso que promove uma ressignificação da ideia de Moçambique, o que “se faz numa relação de conflito com o processo de produção dominante de sentidos, ai produzindo uma ruptura, um deslocamento” (ORLANDI, 1993:25).

Nessa empreitada da contestação e libertação do jugo colonial, os escritores incorporaram o papel de matrizes de um novo pensamento e de um novo tempo que se deseja, assumiram o desafio de serem agentes mobilizadores e modificadores da sociedade. Os escritores “estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus” (SAID, 2011:24). Será desse contexto que é político, social, cultural, íntimo e pessoal que convergirá às escritas poéticas.

A literatura se mostra como uma importante arma ideológica de contestação do colonialismo, ao ser uma das transmissoras dos ideais de libertação, na formação da literatura moçambicana o tema nacional foi uma das estruturas basilares. Nesse “discurso literário, o nacionalismo foi a antecipação da nacionalidade, modo específico de a escrita se naturalizar como própria de uma nação-estado em germinação” (LARANJEIRA, 2001:185). Junto à poesia de contestação, amadurecia esse ideal nacionalista, que se transformaria em força revolucionária. “Não causa espanto, portanto, que nas vozes de seus poetas se façam ouvir cantos armados de combate e afirmação de nacionalidade” (MACÊDO e MAQUÊA, 2007:148). Os acontecimentos, pensamento, desejos e expectativas do campo de batalha invadem as páginas da literatura “Essa luta é complexa e interessante porque não se restringe a soldados e canhões, abrangendo também idéias, formas, imagens e representações.” (SAID, 2011:40).

De acordo com Chabal (1994), a literatura moçambicana está diretamente relacionada à existência de uma elite letrada. É a presença de um grupo de assimilados em Moçambique que propiciou a formação de “homens de letras”. Benedict Anderson ressalta o papel primordial das primeiras gerações da *intelligentsia* na construção de uma identidade nacional, que serão os primeiros a sistematizar uma ideia de independência e nação. De acordo com Mario Pinto de Andrade, as elites letradas nas sociedades africanas emergiram “entre camadas sociais privilegiadas, pelo jogo da mobilidade vertical induzida pela necessidade de quadros subalternos para o exercício da vida administrativa, no âmbito do sistema político e econômico vigente” (ANDRADE, 1998:39)

Tratando-se de Moçambique, essas elites foram fundamentais para a construção dos movimentos de libertação. Embora nem sempre se inspirassem nos mesmos princípios, referências político/ideológicos, elas tinham por objetivo se afirmarem e contestarem as políticas do regime criado pelo império, desafiando, assim, as instituições coloniais. Um importante centro formador dessa elite, foi a Casa do Estudante do Império (CEI). Conforme Cláudia Castelo propõe, a CEI é um lugar de memória, um espaço material, simbólico e funcional onde se cruzam reminiscências pessoais e de grupos, um “patrimônio comum de vivências culturais e políticas, de contestação do colonialismo e de emergência do sentimento nacional” (CASTELO, 2013:10). Sobre a Casa do Estudante do Império e sua relação com a literatura contestatória, Secco pondera,

quando, reunidos na Casa dos Estudantes do Império de Lisboa, estudantes africanos – entre eles Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, Mário Pinto de Andrade, Francisco José Tenreiro, António Jacinto – iniciaram, sob os ecos da negritude francesa, do negrismo afro-americano e sob o signo do anticolonialismo, um movimento político-literário de valorização das literaturas de seus países. Nesse processo, além da negritude, cuja influência levou à defesa da africanidade no campo literário, tiveram também importância o Neo-Realismo português e o Modernismo brasileiro por seus conteúdos sociais que serviram de modelo à fundação do nacionalismo nessas literaturas. (2002:95)

Essa elite exerceu uma efetiva participação nas associações culturais, em clubes desportivos negros, jornais, revistas e grêmios, além de encontros e congressos de intelectuais. Pires Laranjeira sublinha o mérito das primeiras elites no desenvolvimento da literatura moçambicana e ressalta que ela está diretamente vinculada ao surgimento de um novo poder político. “Os homens que escrevem são os mesmos que pensam e que politicam” (LARANJEIRA, 2011:14). Esses territórios de resistência que vão se formar dentro e fora do continente africano criam uma rede de conexões, de pensamentos e aspirações que serão

importantes instrumentos de circulação de idéias, de ideologias vindas das mais diversas fontes. Tais pensamentos serão apropriados e ressignificados posteriormente nos contextos de luta de libertação. De acordo com Hernandez, “ao manterem a cabeça no Ocidente e os pés na África, suas escrituras ganharam um discurso particular que utilizava as ideias da Europa e das Américas, transformadas pelos desafios postos devido à especificidade de processos históricos, de dinâmicas sociais e de culturas em movimento”. (2010:144).

Essas idéias que circulavam entre essa elite, serão refletidas na produção literária. A primeira geração moçambicana de *Intelligentsia* criou, dessa maneira, as condições propícias para o surgimento de uma importante geração de escritores, dentre os quais destacam-se Noémia de Sousa, José Craveirinha, Duarte Galvão, Kalungano, Orlando Mendes, Ruy Guerra, Rui Knopfli dentre outros. Trata-se de uma geração politizada, inserida no processo global da emancipação dos povos e países colonizados e responsáveis pela difusão de ideias de contestação ao colonialismo, fundam “uma poesia da africanidade, com intuítos vincadamente sociais” (LEITE, 2006:140). Poesia esta,

Inserida num projeto e num desiderato mais amplo de afirmação coletiva, em que se reivindicam raízes culturais negro-africanas, instituindo uma poesia programática e datada de protesto e denúncia, em que se observa uma crescente contaminação político-ideológica. (SECCO, 2002: 8)

Suas produções são de uma poética acusatória, de forte impacto social, o ato de se escrever está intrinsecamente ligada com o comprometimento com a população moçambicana e com a luta por um renascimento. Esse compromisso do poeta com as lutas de seu tempo está projetado em sua arte, trata-se da idealização de um desejo, de uma utopia. Reflete o seu tempo e o seu lugar de fala está carregada de dor e esperança, desafia o colonialismo ao denunciá-lo. Uma poética alimentada de raízes africanas onde corre o sangue negro a pulsar a liberdade “que se nutre de posturas e valores africanos iluminados pelo substrato filosófico do pan-africanismo, do Renascimento Negro e da negritude” (GOMES, 2009:34).

Esta geração que escreve do final dos anos 40 e início dos anos 60 possui uma estreita relação com a História e com as identidades, criando, gerando contra-narrativas coloniais. A História, pautou de forma decisiva essa literatura dando-lhe a experiência da “reconstrução” de um passado para a afirmação de uma “moçambicanidade” traduzindo paradoxos e complexidades geradas pela colonização. A literatura produzida por esses escritores era,



Uma poesia que não só se preocupava com temáticas universais, ou de natureza mais subjetiva e existencial, como também se debruçava sobre questões ligadas à realidade sócio-política vivida em Moçambique num tom de revolta contra o colonialismo, de denuncia das arbitrariedades e injustiças geradas pela dominação (NOA, 2008:38-39).

O tom de lamento e a voz de prenuncio dos projetos, das mudanças sociais são a marcas desses escritores que converteram a sua escrita em porta voz das novas ideias. Sua poesia é semente, documento social, espaço de memória, testemunha de uma época. A importância dessa geração se dá não somente por serem os responsáveis pela consolidação de um sistema literário moçambicano, foram o estandarte de um lugar, um espaço revolucionário que estava sendo gestado. Caberá a imprensa, especialmente aos jornais a responsabilidade de refletir o eco da libertação que já bravamente eram cantados pela poesia.

#### **Referências Bibliográficas**

- ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**, São Paulo: Ática, 1989
- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CABAÇO, José Luis. **Moçambique: identidades, colonialismo e libertação**. Tese (Doutorado - Programa de Antropologia Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- CASTELO, Cláudia. **A Casa dos Estudantes do Império: lugar de memória anticolonial**. In 7º Congresso Ibérico de Estudos Africanos, 9, Lisboa, 2010 - 50 anos das independências africanas: desafios para a modernidade : actas [Em linha]. Lisboa: CEA, 2010. [Consultado em 10/10/2014]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/2244>.
- CHABAL, Patrick. **Vozes Moçambicanas**. Literatura e Nacionalidade. Porto: Veja, 1994.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed.UFJF, 2005.
- GOMES, Simone Caputo. **Poesia moçambicana e negritude: caminhos para uma discussão**. Via Atlântica nº 16 dez/2009.

HERNANDEZ, Leila Leite. **Movimentos de resistência na África**. Revista de História, Brasil, n. 141, p. 141-149, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18887>>. Acesso em: 28 Nov. 2014

\_\_\_\_\_. **Os filhos da terra do sol**. A formação do Estado-Nação em Cabo Verde. São Paulo: Selo Negro, 2002.

\_\_\_\_\_. **A África na sala de aula**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

\_\_\_\_\_. **Elites africanas, ideias emancipatórias e nacionalismo anticolonial**. In: RIBEIRO, Alexandre; GEBARA, Alexsander; BITTENCOURT, Marcelo (org) . Encontro de Estudos Africanos da UFF. Niterói: PPG História – UFF, 2012.

HOBSBAWM, Eric; RANGER; Terence. **A Invenção das Tradições**. Paz e Terra, São Paulo, 1984.

HOBSBAWM Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Paz e Terra, São Paulo, 1991.

LARANJEIRA, PIRES. **Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa**. Revista de Filologia Românica. Anejos, 185-205, 2001.

OLIVEIRA, J. J. . **As Literaturas Africanas e o Jornalismo no Período Colonial**. O marrare, v. 8, p. 42-50, 2007.

MENDONÇA, Fátima. **Literaturas emergentes, Identidades e Cânone**. In: CALAFATE, Ribeiro. MENESES, Maria Paula (Orgs). Moçambique das palavras escritas. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

NOA, Francisco. **Literatura Moçambicana: os trilhos e as margens**. In: CALAFATE, Ribeiro. MENESES, Maria Paula (Orgs). Moçambique das palavras escritas. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

\_\_\_\_\_. **A escrita infinita**. Maputo: Livraria Universitária Eduardo Mondlane, 1998.

OLIVEIRA, J. J. **O Nascimento de Um Discurso Emancipatório Dentro e Fora da África no Século XX**. Revista Científica Semioses, v. 4, p. 8-10, 2008.

SANTILLI, Maria A. **Estórias Africanas: história e Antologia**. São Paulo: Ática, 1985.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **Travessia e rotas das literaturas africanas de língua portuguesa (das profecias libertárias às distopias contemporâneas)**. Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, n°1, 2002, p. 91-113

\_\_\_\_\_. **A Magia das letras africanas. Ensaio sobre as literaturas de Angola Moçambique e outros diálogos**. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

MACÊDO, Tânia e MAQUÊA, Vera. **Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas – Moçambique**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MONDLANE, Eduardo. **Lutar por Moçambique**. Lisboa: Costa e Sá, 1976.

SILVA, Manoel de Sousa. **Do alheio ao próprio: A poesia em Moçambique**. São Paulo: EDUSP, 1996. SUMICH, JASON. **Construir uma nação: ideologias da modernidade da elite moçambicana**. *Análise Social* Vol. XLIII (2.º), 2008 (n.º 187), pp. 319-345.